PSTU
Nº 534
De 13 de abril a 2 de maio de 2017
Ano 20

CONTRIBUIÇÃO R$2
(11) 9.4101-1917 PSTU Nacional www.pstu.org.br @pstu Portal do PSTU

ABAIXO AS REFORMAS DA PREVIDÊNCIA E TRABALHISTA

DIA 28 É GREVE GERAL

FORA TEMER! FORA TODOS ELES!

OPERÁRIOS E O POVO NO PODER!

páginadois

CHARGE

Falou Besteira

“Acho que não cometi nenhum erro”

MICHEL TEMER, avaliando seu próprio governo

CAÇA-PALAVRAS

Ministros de Temer citados na lista de Fachin

J Ô B L A I R O M A G G I N G U G E N P
Ã J Ü Â J U T B É O J Í E C P A U G R D
Õ E L D J P M Ç Ô D Z Z Ü Z Á L Ü S J Ô
Ò Q E J É Ê R J Ã X Y Q G M É O B S R Ã
B R U N O C A V A L C A N T I Y F B A M
T N Ú Ç M C O Ã E H Ú S X K A S S A B A
X Í Ó O O I O J Ó E D B É Ô Z I P J P R
Ã A E S R Ê Q Ò G L Â Í Ü Ó Z O A D V C
É Ò N Õ E Ú O C Ç D Ô E Ã Í N N D Ê Ü O
Ê D T Ú I Ê A Í Õ E Ó Ê C Ê H U I U U S
O Á Ú Ç R P N E Í R Z A Ü Q Ú N L Ò I P
W C R Ú A R D Á Ç B C D G A É E H Z Ç E
C Ê Ò N F F Q X B A P Ú Z X Y S A Ú Ú R
V I R Ü R R O B E R T O F R E I R E Ò E
Q T Ü T A À Ó À Z B Ã T Ê F L M Ú Ú Z I
É L Ò V N Ü G Ó É A Ç D À I Í Ü I V M R
D Ó Z Â C I Y J Ê L I É X Í J Õ É O Õ A
J I N N O N V R Y H Í U Ê Q Ó Á Õ R Ã K
A Õ R À Q Â J I R O Á J Ó Í Í N Ü D À L
H D G C X H O Ç Ü G Ç Ô J Í J I B H U D

RESPOSTA: Padilha, Helder Barbalho, Moreira Franco, Bruno Cavalcanti, Aloysio Nunes, Roberto Freire, Marcos Pereira, Baliro Maggi, Kassab

Bolsotário: picareta e privilegiado

Jair Bolsonaro aprontou mais uma. Em palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em 3 de abril, fez uma série de declarações onde humilha e expõe todo o deu ódio e racismo contra populações quilombolas. O deputado disse foi num quilombo e que “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R$ 1 bilhão por ano é gasto com eles”. O Ministério Público Federal no Rio de Janeiro ajuizou ação civil pública contra o deputado Bolsonaro por danos morais coletivos a comunidades quilombolas e à população negra. Mas a quem Bolsonaro quer enganar? Mente descaradamente ao falar que quilombolas ou indígenas são “privilegiados” enquanto ele enriqueceu (e ainda enriquece) na política. Com seis mandatos de deputado, Bolsonaro acumulou uma fortuna, mas declarou à Justiça Eleitoral que seus bens somam R$ 2 milhões de reais - em 2010 declarou à Justiça possuir bens que totalizavam o valor de R$ 826,6 mil. O aumento patrimonial é bem superior que a soma dos salários que ele recebeu como deputado. Aliás, Bolsonaro, assim como seus amigos picaretas do Congresso, é um verdadeiro privilegiado. O salário do deputado R$ 33.763,00 (por ano R$ 438.919,00); somado os demais privilégios (ajuda de custo, auxílio moradia, etc.) o deputado custa para os cofres públicos R$ 1 bilhão por ano ao contribuinte. E tem mais. A política virou negócio de família para os Bolsonaros. O deputado tem dois filhos que são deputados. Um deles é federal (ou seja, custa mais R$ 1 bilhão para os cofres públicos; o outro é deputado estadual no Rio de Janeiro e até ontem apoiava o corrupto Cabral. Bolsonaro não passa de mais um picareta do Congresso que fala grosso contra pobres e vulneráveis, mas fala fino com os ricos e poderosos.

#SurtaHolyday

Os 100 anos da Revolução Russa de 1917 foi tema de aula na periferia de Natal (RN). Na Escola Estadual Ana Júlia, no Parque dos Coqueiros, o Opinião Socialista também é usado como material didático nas aulas de História do professor Lindemberg Araújo. É a história de luta pelo socialismo chegando até os filhos da classe trabalhadora. Já em São Paulo, o vereador playboy do MBL, Fernando Holyday (DEM), realizou uma “batida” numa escola da periferia pra ver seu os professores de história não estavam fazendo “doutrinação ideológica”. O palhaço só “esqueceu” de visitar a biblioteca, a sala de computadores e demais estruturas da escola para se certificar de uma triste realidade da educação pública brasileira: o seu sucateamento.

Alunos lendo sobre a Revolução Russa no Opinião Socialista

Pelo Zap

Victor Figueiredo, de Marília (PR)

“Ontem fomos divulgar o **Opinião Socialista** no terminal urbano aqui de Marília. Estávamos no terceiro ônibus, com nossos três últimos jornais quando algumas mãos se ergueram querendo o jornal. Os últimos jornais se foram, infelizmente cinco trabalhadoras que o queriam ficaram sem. É muito lindo ver gente da nossa classe querendo o jornal feito do trabalhador para o trabalhador, e ainda disputarem quem fica com os últimos números!”

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb 14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido, Romerito Pontes

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes e Victor Bud

IMPRESSÃO Gráfica Mar Mar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA **WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista
São Paulo (SP) – CEP 01313-000

OPERÁRIOS E POVO NO PODER

Organizar os de baixo para derrubar os de cima

Pela base está crescendo um movimento para uma grande greve geral no próximo 28 de abril. Metalúrgicos, trabalhadores da educação e transportes já decidiram que vão parar em todo o país. Por todo o lado, é possível sentir a indignação dos trabalhadores e da população contra o governo corrupto que, a cada dia, mostra sua vontade de atacar os nossos direitos em favor dos patrões e dos banqueiros.

Já tivemos grandes mobilizações no 8 de Março, e o dia de greve com protestos no dia 15 de março surpreendeu a todos. O dia 28 vai ser maior. Ao contrário dos que afirmavam que os trabalhadores estavam na defensiva, fruto de uma suposta onda reacionária, a realidade vem mostrando o oposto. Não só no Brasil como em toda a América Latina, os trabalhadores mostram uma grande disposição de luta. No Paraguai, acabaram de atear fogo no Congresso. Na Argentina, fizeram uma greve geral que parou o país no dia 6 de abril.

Manifestação no dia 31 de março, em São Paulo

GOVERNO SENTIU, MAS VAI PARA CIMA

O governo Temer mostrou que sentiu as mobilizações e o repúdio que se alastra e se aprofunda em toda a população contra ele. Ensaiou um recuo na proposta de reforma da Previdência e faz chantagem em relação às salvaguardas aos trabalhadores na terceirização, incluindo emendas na reforma trabalhista (veja na página 5). Ao mesmo tempo, aprofunda os ataques. Impôs as terceirizações e, enquanto fechávamos esta edição, o relator da reforma trabalhista mandava mais de 100 alterações na CLT.

O que o governo faz é uma verdadeira guerra social contra os trabalhadores e a população. O seu objetivo é destruir os direitos trabalhistas, acabar com a Previdência e aumentar a exploração dos trabalhadores para retomar a taxa de lucro dos capitalistas. O que devemos fazer é derrotar as reformas e, assim, derrotar o governo.

Não podemos cair na armadilha de negociar as reformas, como defendem setores como Paulinho da Força. No dia 15 de março, falando aos operários da fábrica Deca, na Zona Sul de São Paulo, Paulinho argumentou que era impossível derrubar a reforma da Previdência, e o máximo que poderíamos fazer era aprovar emendas para torná-la menos pior. Vimos que isso é uma grande mentira. Primeiro, porque é possível sim derrotar a reforma. Segundo, porque não existe reforma menos pior.

FORTALECER OS COMITÊS CONTRA AS REFORMAS

Está colocada na ordem do dia a preparação do dia 28, fazendo assembleias nas bases das categorias para aprovar a participação na greve geral. Mas não só. É preciso organizar comitês contra a reforma nos locais de trabalho, periferias, escolas, universidades, unificando as categorias organizadas com os setores populares e a juventude pobre e negra das quebradas. Poderemos, assim, paralisar não só as categorias, mas ajudar a paralisar o comércio, os transportes e outros setores.

Temos que defender nossos direitos e apontar nossa alternativa. Contra o programa dos ricos para a crise, precisamos debater um programa dos trabalhadores. Um programa que passe por garantir direitos, salário e emprego, que, para isso, imponha o não pagamento da dívida aos banqueiros, que estatize sem indenização e sob o controle dos trabalhadores o sistema financeiro, que exproprie as grandes empreiteiras metidas em corrupção e as coloque sob controle dos trabalhadores.

Esse é o desafio colocado aos trabalhadores e ao povo pobre: construir uma grande greve geral, avançar a organização com os comitês contra a reforma e debater um programa da classe trabalhadora que imponha uma saída da classe para a crise.

OPERÁRIOS E POVO NO PODER

O PT e as frentes que se reúnem ao seu redor, como a Frente Povo Sem Medo e a Frente Brasil Popular, não têm como estratégia principal a ação direta para derrotar as reformas. O PT quer desgastar Temer para voltar ao poder em 2018 e seguir aplicando a mesma política que aplicou nos 13 anos que esteve no poder.

A saída dos trabalhadores não está em Lula 2018. Estaria, então, na "construção de uma alternativa de esquerda" como propõem setores do PSOL, que se adiantam a lançar pré-candidaturas à campanha eleitoral do ano que vem? Num momento em que os trabalhadores se lançam à construção da greve geral, avançam sua organização e repudiam cada vez mais os políticos e o sistema, propor uma saída meramente eleitoral é um passo atrás. E além disso, um programa que não vá além da democracia dos ricos é repetir os passos do PT.

Precisamos discutir uma alternativa política para a classe trabalhadora. O problema é que essa alternativa não virá pelas eleições de cartas marcadas da burguesia, nem por meio desse sistema. Só é possível impor um programa socialista dos trabalhadores rompendo com esse regime e esse sistema dos ricos, com um governo dos trabalhadores.

É na vitória da greve geral e no fortalecimento dos comitês que podemos fazer avançar a consciência e a organização dos trabalhadores. É isso que pode apontar para um governo socialista dos trabalhadores, não esperar as eleições de 2018.

TERCEIRIZAÇÕES

Não existe mal menor para as terceirizações

É preciso, com a greve geral, barrar todo o projeto de terceirizações e não negociar emendas

DA REDAÇÃO

No dia 31 de março, Michel Temer sancionou, ou seja, aprovou, um Projeto de Lei que libera a terceirização em todas as áreas das empresas. Em 2015, um projeto que também liberava a terceirização havia sido aprovado na Câmara dos Deputados por Eduardo Cunha e enviado ao Senado. O que Temer assinou agora, porém, é um Projeto de Lei que já havia passado pelo Senado em 2002 e ficou parado no fundo da gaveta até ser desenterrado pelo atual presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ).

Essa confusão toda foi uma manobra de Maia e do governo para aprovar a terceirização a toque de caixa. E o que isso muda? A partir de agora, uma empresa vai poder terceirizar, ou seja, contratar outra empresa que fornece mão de obra para todas as tarefas, até para as chamadas atividades-fim (veja o box).

Uma empresa automobilística, por exemplo, já podia terceirizar as atividades-meio, como segurança, limpeza, alimentação, mas a linha de produção tinha de ser mantida por trabalhadores contratados. Agora, liberou geral. É, na prática, uma intermediação da mão de obra, como os "gatos" que aliciam trabalhadores para os canaviais.

Com essa lei, uma empresa vai poder funcionar sem trabalhador contratado. Isso é bom para o empresário, porque reduz custos, já que um terceirizado ganha menos e trabalha mais. Para os trabalhadores, significa salários menores, menos direitos e, ao contrário do que afirmam, mais desemprego.

Temer quer agora incluir algumas salvaguardas aos trabalhadores na reforma trabalhista. Isso é uma chantagem que não podemos aceitar. Temos de lutar contra a terceirização e não aceitar qualquer tipo de negociação por emendas.

NENHUMA CHANTAGEM

Pequenas diferenças entre os projetos

Com a aprovação do projeto na Câmara, alguns senadores passaram a defender que sejam aprovadas as salvaguardas contidas no texto que está parado no Senado. Mas Temer foi lá e sancionou o projeto. Agora, é o próprio Temer que vai incluir essas supostas proteções aos trabalhadores no projeto de reforma trabalhista.

Isso vai funcionar como uma espécie de chantagem. Querem algumas proteções aos trabalhadores? Vão ter que aprovar a reforma trabalhista que impõe uma série de ataques a todos os trabalhadores. O problema é que não existe uma terceirização menos ruim. Ambos os projetos impõem a mesma coisa: o liberou geral na terceirização para as atividades-fim.

PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE OS PROJETOS DA CÂMARA E DO SENADO

Veja como são os antigos PLs 4302 e 4330. Apesar das diferenças, ambos são iguais no essencial: liberam a terceirização em atividades-fim das empresas

Responsabilidade das empresas

O texto da Câmara estabelece a chamada responsabilidade subsidiária. A empresa contratante só pode ser acionada pelo trabalhador se a terceirizada entrar em falência. No Senado, as duas empresas são responsáveis pelo pagamento de salários e direitos aos terceirizados.

Condições de trabalho

O projeto aprovado exige o oferecimento das mesmas condições de segurança, higiene e salubridade aos terceirizados, mas não exige atendimento médico, ambulatorial ou mesmo refeitório. O do Senado exigia esses direitos a todos.

ENTENDA

MENTIRAS & VERDADES

TERCEIRIZAÇÃO VAI CRIAR EMPREGOS?

De acordo com levantamento do Dieese de 2013, um trabalhador terceirizado trabalha 7,5% a mais que um contratado. Ele faz o serviço que mais trabalhadores contratados fariam. Se a jornada dos 12,7 milhões de terceirizados fosse igual, seriam abertas 883 mil vagas de trabalho.

NÃO VAI RETIRAR DIREITOS DOS TRABALHADORES?

O único motivo para terceirizar o trabalho é reduzir direitos e salários, ou seja, aumentar a exploração. A remuneração do terceirizado é 24,7% menor. Tanto é assim que Temer vetou uma parte do texto que dizia que o terceirizado deveria ganhar o mesmo e ter a mesma jornada que um trabalhador que fizesse um serviço igual.

LEI NÃO PROMOVE "PEJOTIZAÇÃO"?

Quem defende a terceirização diz que isso não vai promover a "pejotização", ou seja, a demissão de funcionários para a sua recontratação como Pessoa Jurídica, ganhando menos e sem direitos, pois a lei, em tese, proibiria. Mas hoje essa manobra já é proibida e é amplamente disseminada. Com o avanço da terceirização, essa prática tende a aumentar ainda mais.

SAIBA MAIS

O que são atividades-meio e atividades-fim

Não existe essa diferença na CLT nem na Constituição. Esse conceito foi estabelecido pelo Tribunal Superior do Trabalho em sua súmula (uma interpretação sobre determinado assunto) 331, que regulamentou a terceirização para o que chamou de atividade-meio, ou seja, aquelas que não eram o objetivo final da empresa. Em geral, atividades como limpeza, segurança, alimentação etc.

NÃO É FICÇÃO

Mexeu com uma, mexeu com todas

CILDA SALES E DANIELLE BORNIA DA SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES

O famoso ator global José Mayer, o Tião na novela *A Lei do Amor*, foi denunciado por assédio sexual por sua colega de trabalho, a figurinista Susllem Tonani. Ela contou que durante oito meses foi perseguida por Mayer com elogios do tipo: *"como você é bonita"*, *"como a sua cintura é fina"* e *"fico olhando a sua bundinha e imaginando seu peitinho"* ou *"você nunca vai dar para mim?"*, até chegar ao cúmulo de passar a mão na sua genitália sem o seu consentimento, na presença de outras duas mulheres que também estavam no camarim.

Apesar da agressão, Susllem não o denunciou de imediato. Como ocorre com a maioria das mulheres que se veem nessa situação, ela teve medo de não ser levada a sério. Reunindo forças, pediu ao ator que parasse com o assédio e tentou manter-se afastada para evitar que a situação se repetisse.

Quando o metido a garanhão a xingou de "vaca", Susllem, então, tomou coragem e botou a boca no trombone. A denúncia gerou um protesto coletivo entre outras funcionárias da emissora, incluindo atrizes que aderiram à campanha "Mexeu com uma, mexeu com todas".

O caso ganhou tanta repercussão que obrigou a Globo a afastar José Mayer por tempo indeterminado e a se pronunciar publicamente sobre o caso, afirmando que *"repudia qualquer forma de desrespeito, violência ou preconceito"*. Mayer, que primeiro negou o ocorrido, acabou publicando uma nota admitindo a culpa e se desculpando com Susllem, como se isso fosse o suficiente.

Depois do caso, atrizes e funcionárias da Rede Globo aderiram à campanha

A HIPOCRISIA DA GLOBO

Reprodução global do machismo

Sem a coragem de Susllem de denunciar e de suas colegas, não teria sido possível dobrar a Rede Globo. Isso mostra a importância da organização coletiva das mulheres trabalhadoras para lutar contra o machismo e a violência.

Chama a atenção, porém, a hipocrisia da emissora que afirma repudiar o machismo e a violência contra as mulheres, mas reproduz essas ideologias frequentemente em sua programação. Em suas novelas e séries, as mulheres são quase sempre retratadas de forma estereotipada, preconceituosa, violenta, racista e LGBTfóbica. Tramas envolvendo a disputa entre várias mulheres pelo mesmo homem, o envolvimento de homens mais velhos com menores de idade, a naturalização do estupro, entre outras coisas, são comuns. A maioria dos programas tratam as mulheres como objetos sexuais.

O recente caso de machismo ocorreu no BBB. Mesmo com a violência explícita de Marcos contra Emilly e outras mulheres da casa, a Globo preferiu não acatar os pedidos para que ele fosse expulso do programa num primeiro momento. Depois de muita pressão, com a agressão registrada e assistida por milhões de pessoas e com a abertura de inquérito para investigação pela delegada Marcia Noeli, da Delegacia de Atendimento à Mulher de Jacarepaguá (RJ), no dia 10 de abril, o agressor foi expulso.

Em nome da audiência, situações de ameaça, agressões psicológicas e físicas se repetem sem que a emissora faça nada de sério a respeito.

ASSÉDIO SEXUAL

Uma violência cotidiana na vida das mulheres trabalhadoras

Unir mulheres e homens trabalhadores contra o machismo e a exploração

Apesar de nem sempre ganhar repercussão, o assédio sexual no local de trabalho é extremamente comum. Pesquisas revelam que duas em cada três trabalhadoras já sofreram algum tipo de abuso por parte de chefes e colegas de trabalho, situações que vão de elogios atrevidos, cantadas e insinuações de cunho sexual a chantagem por favores sexuais em troca de promoções ou ameaças de demissão.

Além disso, segundo a organização ActionAid, 86% das mulheres brasileiras já sofreram assédio em público, como assobios, olhares insistentes, comentários de cunho sexual e xingamentos. Metade delas afirma que já foi seguida nas ruas; 44% tiveram seus corpos tocados; 37% disseram que homens se exibiram para elas; e 8% foram estupradas em espaços públicos. A principal vítima desse tipo de violência é a mulher negra, cujo corpo é um constante alvo de fetichismo sexual.

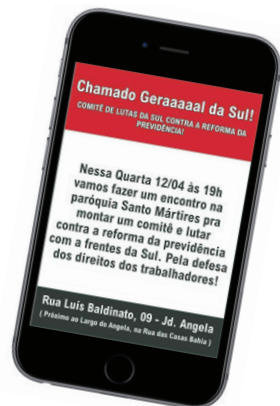
O assédio sexual é um dos instrumentos de desqualificação mais grosseiros da mulher, transformada em objeto. Nos locais de trabalho, transforma-se em desvalorização da mulher como sujeito político, pois as atitudes baseadas no assédio sexual não permitem que se desenvolva a confiança que deve primar entre trabalhadores. Por isso, a luta contra a violência e o assédio também deve ser vista como parte das tarefas da classe trabalhadora. A luta contra a exploração capitalista necessita da unidade de todos os trabalhadores, homens e mulheres. Para isso, é fundamental combater o machismo e a violência às mulheres trabalhadoras.

SÃO PAULO

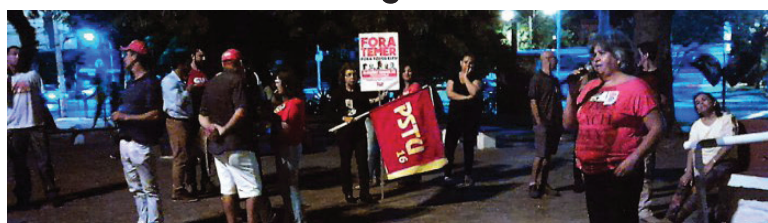
Periferia realizará marcha

A periferia de São Paulo vai fazer uma marcha na véspera da greve geral do dia 28 de abril. A iniciativa é dos comitês de luta da Zona Sul da capital paulista. Ao estilo das marchas dos sem-terra dos anos 1990, a marcha da periferia promete arrastar ativistas contra o fim da aposentadoria, o desemprego e a terceirização.

A marcha vai sair de Parelheiros, entre os dias 26 e 27 de abril, em caminhada até a Praça do Passa Rápido, no Rio Bonito, onde será montado um acampamento. *"Neste acampamento, vamos fazer uma agitação no bairro, vamos fazer uma atividade política, discutir a reforma com os moradores, dormir na praça e nos incorporarmos nas atividades da greve geral do dia 28"*, explica Avanilson Araújo, do Luta Popular.

No acampamento serão debatidas também questões mais estratégicas para os trabalhadores. *"A saída estratégica para derrotar a reforma é a organização dos comitês nos bairros e na periferia. Daí pode sair uma opção dos trabalhadores para crise, porque o povo tem capacidade de tomar o poder e governar"*, diz Avanilson.

Na zona sul, a formação do Comitê está sendo convocada também pelo WhatsApp

REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE

Alvorada lança comitê

A CSP-Conlutas, municipários, educadores estaduais (CPers), Sindicato dos Metalúrgicos, CUT, Unidade Classista, União das Associações de Moradores (Uama), entre outras entidades, organizaram um comitê de lutas em Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre (RS).

No dia 31, o comitê organizou uma manifestação na praça central. No final da tarde, teve início uma caminhada pela principal avenida da cidade, com grande apoio dos moradores e motoristas, que buzinaram acompanhando o ritmo das palavras de ordem.

Agora o próximo passo é criar novos comitês nos locais de trabalho, escolas, bairros e ocupações, além de estimular a criação de comitês nas cidades vizinhas, como Gravataí, Viamão e Cachoeirinha, a partir das regionais do sindicato gaúcho dos trabalhadores da educação (CPers) que atuam nessas cidades.

BRASILÂNDIA

Juntar categorias organizadas com trabalhadores do setor privado

O comitê da Brasilândia se reuniu no último dia 11 e reuniu professores municipais, estaduais, estudantes, aposentados, trabalhadores do transporte e desempregados. Além de discutir a necessidade de lutar contra a reforma, a reunião marcou uma série de atividades que serão realizadas para preparar o dia 28. Entre elas, panfletagens, passagens de carro de som pelas ruas da Brasilândia e visitas nas casas para alertar a população. "O que foi debatido foi a necessidade de juntar as categorias organizadas com trabalhadores do setor privado que muitas vezes não podem parar, mas que também serão atingidos pela reforma", explica Israel Luz, da juventude do PSTU. Uma professora disse que é possível derrubar a reforma e até o governo. Mas ela também lembrou que *"a gente precisa pensar depois do dia 28. E aí, o que é que vem depois?"*, questionou.

RIO DE JANEIRO

Ilha do Governador lança comitê popular

Em todo o país, trabalhadores de diversas categorias se organizam e preparam um grande dia de greve geral em 28 de abril, data definida pelas centrais sindicais como um dia de greve contra as reformas da Previdência e trabalhista e as terceirizações.

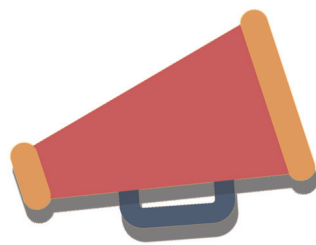
Metalúrgicos, trabalhadores dos transportes e da educação básica já definiram parar em todo o país. Além desses, demais docentes, como os das universidades públicas, servidores públicos, operários da construção civil e o movimento popular devem estar na linha de frente das paralisações e mobilizações que tomarão o país.

Por baixo, fervilha um verdadeiro clima de greve geral ao mesmo tempo em que aumenta a indignação contra o governo Temer e seus ataques. Panfletos e jornais anunciando a greve geral esgotam-se em pouco tempo, como o Opinião Socialista e o boletim nacional do PSTU, cuja tiragem de 300 mil acabou em pouco mais de uma semana.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

ORGANIZE COMITÊS DE LUTA VOCÊ TAMBÉM!

ONDE POSSO FORMAR OS COMITÊS?

Você pode organizar na sua empresa, bairro, universidade ou escola. Fale com seus colegas de trabalho, com seu sindicato, associação de bairro, lideranças comunitárias ou religiosas e marque a primeira reunião do comitê.

O QUE FAZ UM COMITÊ?

A primeira coisa é esclarece a população trabalhadora sobre as reformas da Previdência e trabalhista, suas terríveis consequências e a necessidade de organizar a greve geral do dia 28 para derrotar esses projetos. O comitê pode fazer palestras, distribuir cartilha e divulgar reuniões nas redes sociais.

COMO ORGANIZAR A GREVE GERAL?

As ações da greve geral do dia 28 podem incluir diversas atividades. Podem ser realizados piquetes, por exemplo, organizando turmas para ir até a garagem dos ônibus ou fechar a principal avenida. Ajudar outras categorias, como professores ou operários de uma fábrica, a paralisarem suas atividades. Também pode se fazer uma passeata durante o dia 28 e outras ações criativas.

E DEPOIS DO DIA 28?

Os comitês de luta não acabam depois do dia 28. Pelo contrário, eles são muito importantes para discutir e organizar os próximos passos da luta contra as reformas da Previdência e trabalhista (leia mais nas páginas 8 e 9). Essa luta vai ser árdua e, ao longo do caminho, muitos políticos vão tentar nos enganar dizendo que é possível melhorar a reforma com emendas. Mentira! Isso é só uma tática para dourar a pílula e acabar com os nossos direitos. Por isso, depois do dia 28, os comitês precisam se manter e discutir os próximos passos da campanha.

28 DE ABRIL

Trabalhadores esquentam os motores para a greve geral

Metalúrgicos, transportes e educação básica já definiram que vão parar em todo o país

DA REDAÇÃO

Em todo o país, trabalhadores de diversas categorias se organizam e preparam um grande dia de greve geral em 28 de abril, data definida pelas centrais sindicais como um dia de greve contra as reformas da Previdência e trabalhista e as terceirizações.

Metalúrgicos, trabalhadores dos transportes e da educação básica já definiram parar em todo o país. Além desses, demais docentes, como os das universidades públicas, servidores públicos, operários da construção civil e o movimento popular devem estar na linha de frente das paralisações e mobilizações que tomarão o país.

Por baixo, fervilha um verdadeiro clima de greve geral ao mesmo tempo em que aumenta a indignação contra o governo Temer e seus ataques. Panfletos e jornais anunciando a greve geral esgotam-se em pouco tempo, como o Opinião Socialista e o boletim nacional do PSTU, cuja tiragem de 300 mil acabou em pouco mais de uma semana.

VAMOS PARAR

Categorias se organizam e aprovam participação no 28 de Abril

Metalúrgicos da General Motors votam a adesão à Greve Geral do dia 28 de abril

Os metalúrgicos saíram na frente da preparação do dia 28 com uma reunião em 31 de março, quando representantes da CSP-Conlutas, da CUT, da Força Sindical e da Intersindical debateram o impacto das reformas e decidiram, por consenso, participar com peso do dia de greve geral. *"Houve consenso que a categoria de metalúrgicos tem muito peso para as paralisações e que será decisiva para o dia 28 de abril"*, afirma o dirigente da CSP-Conlutas, Luiz Carlos Prates, o Mancha.

Em São José dos Campos (SP), os metalúrgicos estão aprovando em cada fábrica a adesão ao dia 28. Enquanto fechávamos esta edição, ocorriam assembleias na General Motors e na Embraer. As assembleias já reuniram, ao todo, sete mil operários. Também estava sendo preparada uma grande plenária com os sindicatos e os movimentos populares para a organização conjunta do dia.

Já os trabalhadores dos transportes realizaram uma plenária nacional no dia 10 de abril que reuniu 100 entidades e reafirmou a disposição de parar no dia 28. A reunião ocorreu em São Paulo, na sede da Nova Central, e contou com a participação de sindicatos, federações e confederações do setor de transportes de São Paulo, Belo Horizonte, Bahia, Paraná e Rio de Janeiro. Participaram aeroviários, aeroportuários, rodoviários, ferroviários, metroviários, além de condutores de carga.

Operários da construção civil de cidades como Belém e Fortaleza também se mobilizam e preparam um grande dia de paralisação. *"Estamos debatendo com os operários e votando de obra em obra parar no dia 28"*, conta Cleber Rabelo, dirigente do PSTU e da categoria no Pará. *"O movimento popular, como a ocupação Carlos Lamarca no Outeiro e o Davi Silva no Capanã, devem vir para o dia 28"*, completa. Os operários de Fortaleza também votam a greve em cada canteiro de obra.

BRAÇOS DADOS

Movimento Popular e desempregados também aderem

Além das categorias organizadas, o movimento popular também prepara uma forte mobilização no dia 28 de abril. Ocupações dirigidas pelo movimento Luta Popular, como as ocupações Esperança e Jardim União, devem realizar manifestações e se unirem aos demais setores.

No Rio de Janeiro, o Movimento SOS Emprego, que reúne trabalhadores desempregados de vários setores, como operários do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) e dos estaleiros fechados, teve participação de impacto no dia 15 de março e promete repetir a dose em abril. *"No dia 15, paramos a ponte Rio-Niterói e a BR 101, que parou Niterói e Itaboraí, e agora, no dia 28, vamos parar também um importante ponto do Rio"*, diz José Rei Leão, soldador demitido do Comperj e militante do PSTU.

ESQUENTA

Mais de três mil no ABC contra a reforma da Previdência e a terceirização

No dia 8 de abril, mais de três mil trabalhadores foram às ruas na cidade operária de São Bernardo do Campo (ABC) contra a reforma da Previdência e o projeto da terceirização. A manifestação foi convocada pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e pela CSP-Conlutas, além de outras centrais, como preparativo para o dia 28, e contou com grande apoio da população.

Passeata pelas ruas de São Bernardo do Campo.

AGORA É HORA!

Construir a greve geral e reforça

DA REDAÇÃO

Reforçar a convocação e o chamado ao 28 de abril como um grande dia de greve geral contra as reformas da Previdência e trabalhista e contra as terceirizações. Impulsionar a organização de base das categorias, assembleias, envolvendo as comissões de fábrica, grupos de bairro, locais de trabalho e organizar os comitês de luta contra as reformas. Essas foram as principais resoluções aprovadas por unanimidade na Coordenação Nacional da CSP-Conlutas que aconteceu em São Paulo de 8 a 10 de abril.

Partindo da compreensão de que foi uma grande vitória a convocação de um dia de greve geral em 28 de abril, a CSP-Conlutas se apoia nos processos de mobilizações que vêm ocorrendo, como o 8 de Março, em que as mulheres estiveram à frente de grandes protestos, assim como o dia de paralisação em 15 de março, para reforçar o chamado à unidade para a luta e a greve geral, chamado do qual a central esteve à frente desde o primeiro momento.

FOTO: Sérgio Koei

"O governo amarga uma popularidade tão baixa quanto a de Dilma na época do impeachment e, agora mesmo, foi divulgada a lista da Odebrecht que mostra um governo todo e boa parte do Congresso Nacional envolvidos na Lava Jato. Ao mesmo tempo, os trabalhadores, a juventude, o povo negro das periferias, as mulheres vêm lutando; temos de aproveitar isso para impor uma derrota a esse governo, fazer uma forte greve geral para derrubar as reformas da Previdência e trabalhista e, assim, por abaixo esse governo e esse Congresso de corruptos", afirma Atnágoras Lopes, da Secretaria Nacional Executiva da CSP-Conlutas.

As tarefas, porém, não encerram no dia 28. A reunião da CSP-Conlutas aponta para o fortalecimento dos comitês pela base e a realização de protestos em Brasília no dia da votação da reforma da Previdência (veja o box com o calendário).

NEM VEM

Não aceitar nenhuma negociação

Outra importante definição da reunião nacional da CSP-Conlutas foi a recusa categórica de qualquer tipo de negociação de emendas à reforma da Previdência ou à trabalhista no Congresso Nacional. O governo Temer vem fazendo o que seriam pequenas concessões em seu projeto de reforma para aumentar a pressão por uma negociação. Ao mesmo tempo, setores da direção de algumas centrais, como Paulinho da Força, apresentaram emendas e defendem a negociação de uma versão de reforma menos ruim.

"Durante o processo de construção e preparação da greve geral, devemos ficar vigilantes contra toda e qualquer tentativa de negociação e traição, ou seja, entrega de direitos. Caso ocorra, devemos denunciar e escrachar qualquer um que tente trair a nossa luta, seja parlamentar, sejam setores da direção do movimento sindical", diz a resolução aprovada pela CSP-Conlutas.

NAS LUTAS

Construir uma alternativa da classe trabalhadora

Neste processo de luta e construção da greve geral, os trabalhadores não podem cair na armadilha de ter a sua mobilização desviada para uma saída eleitoral, de acordos com a burguesia ou em defesa de Lula 2018. A resolução da CSP-Conlutas defende a construção de uma alternativa política e de classe na ação direta dos trabalhadores.

"É possível e necessário que nessa luta e na ação direta possamos também construir uma alternativa política e de classe contra a direita tradicional representada pelo PMDB/PSDB e outras variantes e contra o projeto de conciliação de classe representado pelo PT/PCdoB e seus aliados", afirma a resolução.

A central coloca *"o desafio de construir um campo de classe independente e um projeto classista: contra as reformas da Previdência e trabalhista; a terceirização; por emprego e nenhum direito a menos; para colocar para fora Temer e todos/as os/as corruptos/as do congresso; e exigir punição e confisco dos bens de todos/as os/as corruptos/as e corruptores"*.

Comitê na Brasilândia, zona norte de São Paulo

...r os comitês contra as reformas

SAÍDA

Um programa dos trabalhadores para a crise

O governo Temer e a burguesia jogam a crise nas costas dos trabalhadores e da população. Precisamos de um programa, ou seja, de um conjunto de medidas dos trabalhadores para que sejam os ricos que paguem por ela.

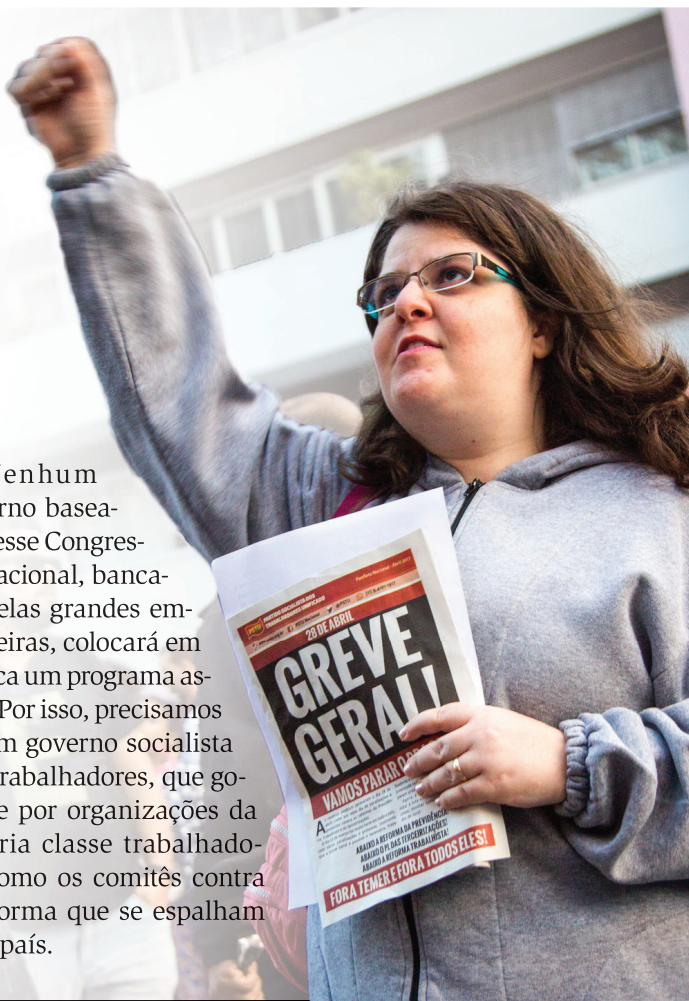
- Um programa que passe pelo fim do pagamento da dívida pública aos banqueiros e invista esse dinheiro em saúde, educação e num plano de obras públicas para a geração de empregos.

- Também precisamos acabar com a Lei de Responsabilidade Fiscal e substituí-la por uma Lei de Responsabilidade Social

- Que ponha um fim na remessa de lucros das multinacionais para fora do país.

- Que reduza a jornada de trabalho sem reduzir os salários e proíba as demissões, com a expropriação das empresas que insistirem em demitir.

- Que prenda todos os corruptos e corruptores, expropriando seus bens.

- Nenhum governo baseado nesse Congresso Nacional, bancado pelas grandes empreiteiras, colocará em prática um programa assim. Por isso, precisamos de um governo socialista dos trabalhadores, que governe por organizações da própria classe trabalhadora, como os comitês contra a reforma que se espalham pelo país.

NAS LUTAS

Reforçar os comitês contra as reformas

Em todo o país, estão surgindo os comitês contra as reformas da Previdência e trabalhista (leia na página 6). Um levantamento da CSP-Conlutas mostra que já são centenas. *"A construção e o fortalecimento dos comitês são estratégicos para a classe trabalhadora, tanto para a greve geral, unificando os trabalhadores organizados, sindicatos, com a população nos bairros, morros e favelas, como para a continuidade da luta, apontando a perspectiva de uma alternativa de poder"*, defende Atnágoras Lopes.

FIQUE LIGADO

Tarefas e calendário de lutas aprovado pela CSP-Conlutas

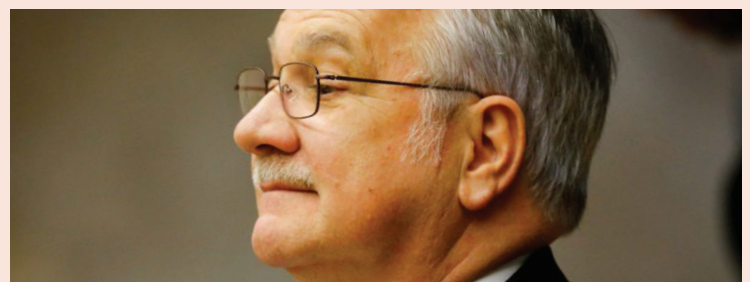
- Organizar comitês contra as reformas e de organização da greve geral em todo o país.
- Realizar assembleias sobre a greve geral nas categorias.
- Organizar atividades no dia 19 de abril na Câmara dos Deputados caso entre em votação a reforma trabalhista.
- Fazer um chamado a todas as centrais para uma grande manifestação na votação da reforma da Previdência na Câmara.
- Construir atos unitários e classistas no 1º de Maio.

ÚLTIMA HORA

FORA TODOS ELES! Lista de investigados atinge em cheio governo e Congresso corrupto

Enquanto fechávamos esta edição, o Supremo Tribunal Federal (STF) liberava a lista dos políticos investigados na Lava Jato. Eles foram citados nas delações dos 77 executivos da Odebrecht.

Nada menos que um terço dos ministros de Temer estão na lista, incluindo Eliseu Padilha, da Casa Civil, e Moreira Franco, da Secretaria Geral da Presidência, que estão à frente da negociação da reforma da Previdência no Congresso Nacional.

São 24 senadores, 42 deputados federais de partidos como PT, PSDB, PMDB, DEM, PCdoB etc. Mais um motivo para ir às ruas no dia 28 de abril e botar para fora Temer e esse Congresso de ladrões.

SEM MEDO DE TRIUNFAR

Lenin e as "Teses de Abril"

A Revolução de Outubro não foi obra do acaso. Para ser vitoriosa, precisou de uma organização revolucionária, o partido bolchevique, solidamente implantada na classe operária, e de um programa. Há 100 anos, Lenin propôs o programa para a revolução.

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

Logo após a revolução de fevereiro, muitos dirigentes bolcheviques voltaram do exílio ou das prisões onde estavam encarcerados. Procurando entender e como agir naqueles dias após a derrubada do Czar, a direção dos bolcheviques, ainda incompleta, votou uma resolução sobre o a necessidade de se orientar em direção a uma "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses".

Afinal, o que isso significa? Para entender, é preciso voltar alguns anos no tempo e conhecer o que pensavam os bolcheviques antes da revolução.

ANTIGA ESTRATÉGIA

A "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses" foi uma elaboração de Lenin uma década antes de 1917. Ele sustentava que a luta contra a monarquia tinha por objetivo a instauração de um governo republicano que varresse os traços de feudalismo do país, fizesse a reforma agrária e instituísse a jornada de oito horas nas fábricas. Portanto, a revolução russa não teria um caráter socialista, mas democrático, como foram as revoluções burgueses do século 19.

Contudo, diferentemente da ala moderada menchevique, Lenin não acreditava que a burguesia russa pudesse dirigir sua própria revolução. Por isso, defendia que a firme atuação e a colaboração mútua entre o proletariado e o campesinato eram indispensáveis. Estes dois setores formariam um governo e realizariam as tarefas democráticas da revolução.

Essa fórmula ainda estava na cabeça da maioria dos dirigentes bolcheviques em 1917. Diante da revolução, o Pravda, jornal diário do partido, em sua primeira edição após a revolução, dizia: *"a missão fundamental* [do partido] *consiste em instituir um regime republicano democrático"*.

População queima símbolos czaristas nas ruas em 27 de fevereiro.

Lenin, Trotsky e Lev Kamenev (à direita) na Praça do Teatro (Praça Sverdlov). Moscou, 1920.

ALA ESQUERDA

Em meados de março, Kamenev, um importante dirigente bolchevique, e o então obscuro Stalin, voltaram de suas deportações na Sibéria e assumiram a chefia da redação do Pravda, dando uma guinada política ainda mais à direita. No primeiro artigo publicado por eles, diziam que os bolcheviques apoiariam o governo provisório, na medida em que esse governo combatesse a contrarrevolução. Sobre a participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial, diziam que a palavra de ordem "abaixo a guerra" servia para *"exercer pressão sobre o governo"* e forçá-lo a abrir negociações com outras nações em guerra.

Essa visão não era unânime na base dos bolcheviques. Naquele momento, os bolcheviques de Vyborg, o principal bairro operário de Petrogrado, se manifestaram indignados com a linha do Pravda, e escreveram cartas para a redação. *"Se o jornal não quiser perder a confiança dos bairros operários, ele deverá empunhar e empunhará a tocha da consciência revolucionária"*, dizia uma delas.

Porém o rumo tomado pela direção não mudou, e os bolcheviques cada vez mais se tornavam um tipo de ala à esquerda do regime democrático burguês, como definiu Trotsky, e se limitavam a exercer pressão sobre a burguesia e seu governo. A aproximação com os mencheviques também foi cada vez maior. Houve, inclusive, plenárias e reuniões comuns entre as duas organizações. *"Concordávamos com os mencheviques em que estávamos passando por uma fase de demolição revolucionária das relações de feudalismo e servidão, as quais seriam substituídas por liberdades democráticas próprias dos regimes burgueses"*, escreveu o bolchevique Alexander Shliapnikov.

O retorno e batalha de Lenin

Foi em meio a esta atmosfera que Lenin retornou à Rússia após dez anos de exílio. Recebido por milhares de soldados e operários na estação de trem de Petrogrado, o líder bolchevique não tardou em demonstrar seu total desacordo com a linha do seu partido. Quando Kamenev veio saudá-lo com entusiasmo, Lenin o questionou: *"Que andou você escrevendo no Pravda?"*.

Esse desacordo, já havia sido registrado em suas "Cartas de Longe", enviadas do exílio à redação do Pravda. Numa delas, ele escreveu: *"É preciso não conceder nenhum apoio ao governo provisório, é preciso explicar a falsidade de todas as suas promessas, particularmente no que diz respeito à renúncia a anexações. É necessário desmascarar esse governo, em vez de lhe pedir (reivindicação que apenas serve para fazer nascer ilusões) que deixe de ser imperialista"*.

DIVISÃO DE TAREFAS

Poucos dias antes, os bolcheviques haviam realizado uma conferência em Petrogrado, na qual Stalin apresentou um relatório em que caracterizava a situação: *"O poder está dividido entre dois órgãos, dos quais nem um nem outro o possui totalmente. Existem, e deve existir entre eles, atritos e luta. Os papéis estão divididos. O soviet tomou a iniciativa das transformações revolucionárias (...). Mas o governo provisório tomou para si o papel de consolidador das conquistas do povo revolucionário. O governo provisório, ao resistir e ao procurar embaraçar, toma o papel de consolidador de conquista que o povo efetivamente fez (...). No momento, não é vantajoso para nós forçarmos a marcha dos acontecimentos, acelerando o processo de evicção [perda judicial] das camadas burguesas que, inevitavelmente, dentro de certo prazo, deverão afastar-se de nós"*.

Para ele, havia uma divisão de tarefas entre os soviets e o governo provisório. Aos primeiros, cabiam as transformações revolucionárias, enquanto o governo deveria ser pressionado para ser o consolidador de tais conquistas. Cabia aos bolcheviques compor esse bloco, ser sua ala esquerda, *"sem forçar a marcha dos acontecimentos"*.

Lenin estava em completo desacordo com essa orientação. Em 4 de abril, apresentou, numa conferência conjunta dos social-democratas (bolcheviques, mencheviques e independentes) as "Teses de Abril", como ficou conhecido o documento em que apontava conclusões e tarefas radicalmente opostas à linha política adotada até o momento pelos bolcheviques.

"Por que não se tomou o poder?", perguntou Lenin. *"O negócio todo se resume ao fato do proletariado não estar suficientemente consciente nem organizado. É preciso reconhecer isso. O poder material está nas mãos do proletariado, mas a burguesia ali surgiu consciente e preparada"*, explicou para uma plateia confusa.

"A particularidade do momento atual", dizia, *"é marcar uma transição entre a primeira fase da revolução, que deu o poder à burguesia, em consequência da insuficiente consciência do proletariado e de sua organização, e sua segunda fase, que deve trazê-lo às mãos do proletariado e das mais pobres camadas do campesinato"*.

Lenin era radicalmente contra a orientação dos bolcheviques. Ao invés de ser a ala esquerda da república parlamentar, como defendia a maioria da direção do partido, Lenin propunha preparar a classe operária para derrubar o governo e assumir o poder pelos soviets (leia ao lado).

A reação dos delgados foi, para dizer o mínimo, de espanto. Perguntavam-se se os dez anos de exílio não tinham afetado a capacidade de Lenin de ver com nitidez a situação do país. *"Esse homem caiu da lua! Chegou ontem e já defende a conquista do poder pelo proletariado!"*, foi a ironia corrente após a apresentação das teses. *"Delírio de um louco"*, sentenciou o ex-bolchevique Bogdonov. Lenin ficou isolado, e suas teses foram amplamente rejeitadas pelo Comitê Central bolchevique. Lenin, então, exigiu a realização de um congresso extraordinário do partido e a abertura do mais amplo debate sobre suas posições.

O REARMAMENTO POLÍTICO

Foi então que as teses de Lenin foram apresentadas para toda a base partidária. Naquele momento, o partido bolchevique tinha uma sólida implantação no operariado russo e, com a revolução, houve um rápido crescimento da organização, que contava com aproximadamente 79 mil membros.

A luta interna foi encarniçada. Mas se na direção do partido Lenin estava isolado, o mesmo não ocorria na sua base. *"Os bairros, um após o outro, aderiram às teses"*, conta Zalezhski, um dos dirigentes do partido em Vyborg. Assim, na última semana de abril, a conferência aprovou as teses de Lenin, o que deu ao partido o seu rearmamento político, o primeiro passo para levar a classe operária a disputar e tomar o poder.

SAIBA MAIS

O que diziam as "Teses de Abril"

TESE 1 - "[É necessário] explicar ao proletariado a ligação indissolúvel entre o capital e a guerra imperialista e demonstrar que, sem derrubar o capital, é impossível pôr fim à guerra com uma paz verdadeiramente democrática e não imposta pela violência."

TESE 2 - "A peculiaridade do momento atual na Rússia consiste na passagem da primeira etapa da revolução que deu o poder à burguesia pela falta do grau necessário de consciência e organização do proletariado para a segunda etapa que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas mais pobres dos camponeses."

TESE 3 - "Nenhum apoio ao governo provisório, explicar a completa falsidade de suas promessas."

TESE 4 - "Explicar às massas que os soviets são a única forma possível de governo revolucionário e que, por isso, enquanto este governo se submete à influência da burguesia, nossa missão só pode ser a de explicar os erros de forma paciente, sistemática, persistente e adaptada especialmente às necessidades práticas das massas. Enquanto estivermos em minoria, fazer o esclarecimento e propagando ao mesmo tempo a necessidade de que todo o poder do Estado passe aos soviets."

TESE 5 - "Não uma república parlamentar; retornar a uma república parlamentar a partir dos soviets seria dar um passo atrás."

TESE 8 - "Não é tarefa imediata a implementação do socialismo, mas somente iniciar o controle da produção social e da distribuição dos produtos pelos sovietes."

TESE 9 - "Mudança de denominação do partido [para Partido Comunista]."

TESE 10 - "Construir uma Internacional revolucionária [contra a Internacional Socialista que apoiava a Primeira Guerra Mundial]."

LEIA MAIS

Teses de abil

https://goo.gl/8pDrSw

A Locomotiva HK1 293. *Em um vagão blindado puxado por essa locomotiva que Lenin retornou à Rússia em abril de 1917. A locomotiva foi doada à URSS e atualmente está exposta na Estação Finlândia, em São Petersburgo.*

LUTAS PARA TODO O LADO

A América Latina

MARCOS MARGARIDO
DE CAMPINAS (SP)

De Tijuana, no norte do México, fronteira com os Estados Unidos, à Patagônia, sul da Argentina, os trabalhadores da América Latina protestam contra os ataques às suas condições de vida e não respeitam nenhum governo. Desde os governos de direita, como Pieña Neto, presidente do México, até Mauricio Macri, da Argentina, passando por aqueles considerados de esquerda, como Michele Bachelet, do Chile, ou Nicolás Maduro, da Venezuela. Todos são alvo de manifestações gigantescas e da fúria dos trabalhadores, que não aguentam mais tanta exploração. A mesma coisa acontece no Brasil contra Michel Temer (PMDB). Os trabalhadores brasileiros não estão sozinhos. Nossos irmãos latino-americanos estão junto na luta por um futuro melhor sem exploração.

ARGENTINA

Três, ou quatro, dias históricos de luta

Nossos hermanos também estão enfrentando duros ataques de seu governo. Cansados das vacilações dos sindicalistas pelegos, trabalhadores impõem, na marra, uma greve geral que parou o país no dia 6 de abril. Como diz um velho ditado argentino, a luta será "com os dirigentes à cabeça ou com a cabeça dos dirigentes".

O presidente da Argentina, Mauricio Macri, tomou posse em dezembro de 2015 substituindo Cristina Kirchner, que terminou seu segundo mandato envolvida em inúmeros escândalos de corrupção. Macri prometeu recuperar o país e venceu a eleição, mas deixou a Argentina pior, e sua popularidade despencou.

A economia argentina encolheu 2,3% em 2016, e a inflação já chega a 40% ao ano. A produção industrial não para de cair desde que ele assumiu. O desemprego pulou para 9,3%. A pobreza atinge 15 milhões dos 44 milhões de habitantes.

Os trabalhadores não dão trégua ao governo. Há várias lutas em andamento que demonstram a disposição de derrotar o plano econômico de Macri. São exemplos os petroleiros de Chubut contra 1.500 demissões; os gráficos do jornal Clarín, o principal do país, que ocupam seu local de trabalho há mais de 40 dias; e os metalúrgicos da GM, onde os patrões querem impor um lay-off a 350 trabalhadores.

Todos eles foram os atores principais de três dias históricos de luta entre os dias 6 e 8 de março. Uma passeata dos professores em luta contra a imposição de tetos salariais transformou-se numa grande manifestação contra o governo.

A principal central sindical, a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), aproveitou a situação para organizar um ato de protesto contra os planos econômicos de Macri para o dia 7. Essa central é dirigida por pelegos de carteirinha com uma longa ficha de serviços prestados aos patrões, inclusive nas lutas relatadas acima, mas foram obrigados a chamar o ato devido à pressão das bases.

O que se viu foi inesquecível. No maior ato contra o governo, os trabalhadores pressionavam seus dirigentes: *"Greve geral! Vamos derrotar Macri na marra! Chega de enrolação! Marquem a data da greve geral!"*. Os pelegos recusavam-se a dar uma resposta a esses anseios, e uma massa raivosa derrubou as grades que protegiam o palanque e obrigou seus dirigentes a fugir.

No dia 8, foi a vez das mulheres. No seu dia internacional de luta, mais de 50 cidades tiveram atos que reuniram centenas de milhares de mulheres de todas as idades e muitos homens trabalhadores também. Carregavam cartazes contra a violência doméstica, contra o estupro e cantavam palavras de ordem pela greve geral. Foi um dia que uniu a luta contra a opressão machista com a luta de todos os trabalhadores, homens e mulheres, contra a exploração capitalista e o plano econômico do governo.

Marcha dos professores no último 6 de março

6 DE ABRIL

Greve geral para Argentina

Depois de muita luta e pressão, finalmente, a CGT e a CTA (Central dos Trabalhadores Argentinos) chamaram a greve geral. Indústrias, saúde, educação, transportes e bancos pararam. As ruas da capital Buenos Aires ficaram vazias. Dezenas de voos foram cancelados, e várias ruas e estradas bloqueadas. Nos hospitais, só emergências. Não houve coleta de lixo. A greve foi um sucesso!

Houve vários confrontos com a polícia, e dezenas de manifestantes foram presos. Essa foi a forma que o governo achou para negociar. Por parte dos dirigentes sindicais, a mesma política de entrega e traição. No meio da greve, dizem que estão abertos às negociações sobre a política econômica do governo. Mas os trabalhadores sabem que, se necessário, farão estes pelegos fugirem de novo.

está fervilhando

PARAGUAI

O dia em que povo botou fogo no Congresso

No Paraguai, não existe uma crise econômica como na Argentina ou no Brasil. A economia cresceu 3,5% em 2016. Nem por isso a população vive melhor. A riqueza acumulada pelo crescimento econômico foi parar nas mãos de poucos fazendeiros plantadores de soja, de empresários da construção civil, que cresceu 20% à custa de obras do Estado, e do setor industrial, que cresceu 7% baseado em fábricas de montagem de produtos importados.

As condições de vida de trabalhadores e camponeses pioram cada vez mais. A expansão das plantações de soja é feita com a expulsão dos camponeses de suas terras. O crescimento industrial se baseia na redução dos salários, e o Estado transformou-se no paraíso da corrupção e de negócios particulares através do Congresso. A pobreza atinge 22% da população, dos quais quase metade vive na pobreza absoluta, isto é, não têm o que comer.

Como consequência, a popularidade do governo de Horacio Cartes caiu de 57%, em 2015, para 14% em 2016. Toda essa situação política e econômica acabou se concentrando na tentativa de aprovação de uma emenda constitucional que permite a reeleição de Cartes. A discussão da emenda se arrasta em meio a manobras no Congresso e negociações entre as bancadas parlamentares dos partidos. Para permitir sua votação, o regimento do Senado foi modificado por 25 dos 45 senadores num gabinete da Frente Guasú. Uma ação totalmente irregular.

DEU INVEJA: *cansada das manobras dos deputados picaretas, população se revolta e queima o Congresso paraguaio*

Porém uma manifestação contra a emenda, em 31 de março, acabou com este passeio tranquilo. Milhares de pessoas, com forte participação da juventude secundarista, passaram por cima das barreiras que protegiam o Congresso e expressaram toda sua raiva contra o regime corrupto e explorador e um presidente que pretende se perpetuar no poder. Ocuparam o Congresso e atearam fogo em três andares. A polícia reagiu, assassinando um jovem que estava na sede do Partido Liberal e prendendo mais de 200 manifestantes.

A traição maior foi a do ex-presidente Fernando Lugo, destituído do cargo por um impeachment em 2012, e sua Frente Guasú, que apoiam a emenda de reeleição. Com sua aprovação, Lugo ganhará o direito de concorrer nas próximas eleições. Lugo e seus apoiadores, que disseram que o impeachment foi um golpe, agora se juntam aos políticos do Partido Colorado, o mesmo que apoiou a ditadura sanguinária de Stroessner (1953 a 1999), para aprovar uma emenda constitucional contra a vontade da população.

VENEZUELA

Indignação contra Maduro cresce a cada dia

A Venezuela, sob a presidência de Nicolás Maduro, vive o fim de uma das maiores fraudes do movimento operário mundial, o chamado Socialismo do Século 21, inventado por Hugo Chávez, presidente do país por 14 anos, de 1999 até sua morte em 2013.

Chávez governou durante um período de alta dos preços do petróleo, fazendo da Venezuela – segundo exportador mundial – uma nação rica. Porém aproveitou toda a renda do petróleo para fortalecer os capitalistas que o apoiavam, chamados de boliburguesia, enquanto o povo pobre vivia de programas assistenciais, como o Missiones (semelhante ao Bolsa Família). Em vez de industrializar o país, os capitalistas aproveitaram o rio de dinheiro que entrava em seus bolsos para enriquecer com a compra e venda de dólares.

A crise econômica mundial, porém, fez o preço do petróleo cair. Hoje, a população da Venezuela passa fome. Crianças morrem por desnutrição, e famílias por intoxicação alimentar ao ingerir alimentos catados nos lixos. Os garis pedem esmola para completar o salário enquanto trabalham. Empregados de restaurantes e depósitos de alimentos roubam o que podem para dar de comer às suas famílias. A pobreza atinge 24 milhões dos 30 milhões de habitantes. Uma multidão atravessa as fronteiras com a Colômbia ou com o Brasil em busca de uma vida melhor.

A inflação atingiu inacreditáveis 800% em 2016. O salário dos que têm um emprego mal dá para comprar alimentos de primeira necessidade, pois os preços crescem dia a dia. A economia do país encolheu um quinto em um ano, elevando o desemprego oficial a 30%.

Em meio a essa catástrofe social, o governo responde aos crescentes protestos populares com medidas antidemocráticas e repressão. As eleições regionais estão suspensas, bem como as de sindicatos importantes, como da fábrica Sidor e da Federação Nacional de Trabalhadores Petroleiros. A coleta de assinaturas exigindo um referendo para antecipar a eleição presidencial, que só acontecerá em 2018, foi suspensa pelo Tribunal Eleitoral (CNE) e, além de tudo isso, o país vive um

estado de exceção decretado pelo governo.

Nas últimas semanas, a crise política se agravou. O Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) emitiu uma sentença dando amplos poderes a Maduro, além de dar a si próprio poderes legislativos, substituindo o Congresso Nacional, controlado pela oposição burguesa. Além disso, cassou os direitos políticos do principal líder da oposição de direita, Henrique Capriles, por 15 anos. Essa decisão impede que o atual governador do estado de Miranda concorra nas próximas eleições presidenciais. O repúdio generalizado obrigou o governo e o TSJ a retrocederem em suas intenções e reacendeu as manifestações contra o governo. Foram três só na primeira semana de abril.

Infelizmente, as manifestações são dirigidas pela Mesa de Unidade Democrática (MUD), uma aliança de partidos de direita que só tem a oferecer à população mais ataques, privatizações e corrupção. Eles querem tomar posse da renda do petróleo e das riquezas naturais do país para favorecer economicamente seus aliados. Desta briga, não sairá nada de bom para o trabalhador.

Isso ocorre porque os principais partidos de esquerda capitularam aos governos de Chávez e Maduro, deixando a bandeira da oposição nas mãos da MUD. Ao invés de construírem uma alternativa política independente do chavismo e da oposição burguesa, preferiram se associar a Chávez. Muitas organizações de esquerda entraram no PSUV, o partido de Chávez, anulando completamente uma voz de oposição operária. Agora, calam-se frente às inúmeras medidas ditatoriais de Maduro que, no entanto, seriam dignas de acusações de golpe por eles se fossem decretadas por Temer, por exemplo.

Passesata em Caracas, capital da Venezuela

ANÁLISE

Onda reacionária ou resistência dos povos?

Em meio a essa situação de muitas lutas, de avanços e retrocessos, de dura resistência dos trabalhadores e da juventude contra os ataques dos patrões e de seus governos, muitos setores da esquerda afirmam que estamos vivendo uma onda reacionária. No Brasil, o PT e o PCdoB difundem essa ideia. Mas o PSOL também embarcou nessa onda.

Para eles, vivemos uma situação em que os trabalhadores estão encurralados por um avanço das forças reacionárias, representadas pelos setores da burguesia neoliberal contra uma esquerda progressista. Nessa esquerda progressista, cabe todo mundo. Cabem o PT e Lula, Chávez e Maduro, Cristina Kirchner e Lugo.

Protesto no Chile contra os fundos de pensão privados.

A raiz desse erro de análise da realidade é que esses partidos renunciaram à perspectiva de uma revolução social para a conquista do poder pelos trabalhadores e jogam todas suas fichas na perspectiva eleitoral, na conquista de bancadas parlamentares e de governos. A partir daí, pensam que a vitória eleitoral de partidos e candidatos de direita, como Trump nos Estados Unidos, Macri na Argentina e a queda de Dilma no Brasil significam uma derrota estratégica dos trabalhadores.

Essas vitórias, no entanto, ocorrem devido à falência dessa esquerda progressista em apresentar uma política que resolva definitivamente a situação de exploração e miséria dos povos latino-americanos. Sequer conseguem aliviar essa situação. Quando governam e a economia cresce, oferecem programas assistencialistas. A oferta de empregos até aumenta, mas fracassam totalmente quando vem uma crise econômica que elimina empregos e reduz salários.

O exemplo mais contundente é o da Venezuela, mas os demais governos ditos progressistas seguem os mesmos passos. Assim, a população castiga estes partidos nas urnas e vota na oposição de direita, que tem mais dinheiro, conta com apoio de empresários e do imperialismo. Por isso, a vitória eleitoral destes partidos é a regra, não a exceção.

A esquerda revolucionária, pelo contrário, ainda afirma que a luta em curso, levada com muito custo pelos trabalhadores, muitas vezes contra seus próprios dirigentes sindicais e políticos, é o único caminho para a libertação definitiva da exploração capitalista. Essa luta poderá sofrer mais derrotas do que vitórias, pois nosso inimigo é mais forte. Mas a classe operária saberá superar suas fragilidades e avançar até a conquista de uma sociedade socialista, desde que, para isso, possa contar com uma direção revolucionária independente dos patrões.

INTERNACIONAL

Não aos bombardeios de Trump na Síria! A revolução síria tem de derrubar o regime genocida de Assad!

No dia 6 de abril, os Estados Unidos lançaram 59 mísseis contra uma base aérea na Síria. O ataque representa uma mudança na postura dos EUA que, até então, vinha atacando apenas posições supostamente controladas pelo Daesh (Estado Islâmico).

A Liga Internacional dos Trabalhadores condena o ataque ordenado pelo presidente dos EUA e magnata Donal Trump, bem como qualquer intervenção imperialista na região, seja dos EUA, seja da França, Reino Unido e seus aliados do Oriente Médio.

Donald Trump chegou a esboçar uma possível aproximação a Vladmir Putin, presidente da Rússia e aliado do governo sírio. Bashar al-Assad chegou a declarar que Trump poderia ser um possível aliado e, para defender sua ditadura, bomardeou Idlib com armas químicas. O ataque vitimou milhares de civis e teve motivação explicitamente contrarrevolucionária. Isso porque Idlib não é controlada pelo Daesh, mas pela coalizão dos rebeldes contrários ao regime de Assad.

Com menos de cem dias no poder, Donal Trump ja é o presidente americano com o menor índice de popularidade na história do país. A mudança de postura em relação à Síria talvez seja uma tentativa do magnata de se fortalecer internamente. O ataque foi apoiado por republicanos e democratas no Congresso americano.

É preciso acabar com a intervenção imperialista na Síria. Somente a vitória da revolução, começando pela destruição do regime da família Assad, pode inaugurar dias melhores para o povo sírio.

LEIA A DECLARAÇÃO DA

Liga Internacional dos Trabalhadores
https://goo.gl/qrMNgh

FUTEBOL

Tite para presidente

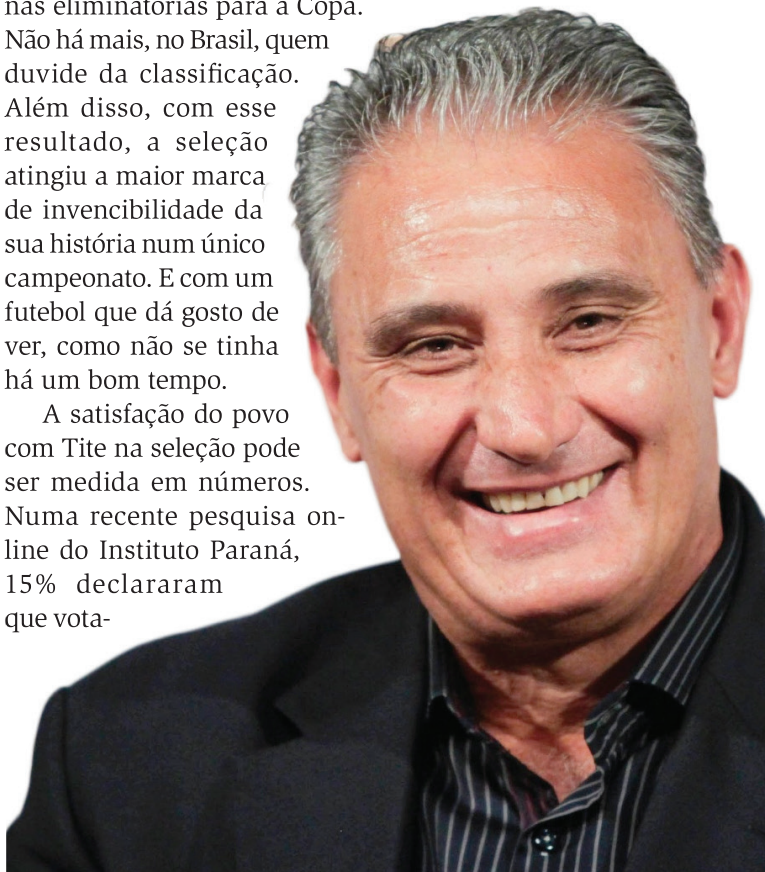
Romero Jucá bem que tentou, mas não conseguiu. Mas se atualmente existe alguém no Brasil capaz de costurar um grande acordo nacional, esse alguém é Tite.

Sob o comando de Dunga, a seleção brasileira foi eliminada na primeira fase da Copa América e havia chances reais de não se classificar para a Copa do Mundo de 2018, na Rússia. Diante disso tudo, o sentimento era um só. Um espectro rondava a seleção – o espectro do 7x1.

Afundada na desconfiança pelos escândalos de corrupção e pelos péssimos resultados em campo, a CBF parece ter finalmente acertado ao chamar Tite para dirigir a seleção.

A decisão foi polêmica, é verdade. E, dessa vez, não foi por causa do Corinthians. Seis meses antes, Tite havia subscrito um abaixo-assinado contra Marco Polo del Nero, presidente da CBF. O manifesto do movimento #OcupaCBF (Bom Senso FC e ONG Atletas pelo Brasil) pedia a renúncia do cartola e exigia eleições livres e democráticas para a entidade. Apesar disso, Tite hoje aceita ser seu funcionário.

Mas vamos aos fatos. Sob o seu comando, a seleção conquistou oito vitórias seguidas nas eliminatórias para a Copa. Não há mais, no Brasil, quem duvide da classificação. Além disso, com esse resultado, a seleção atingiu a maior marca de invencibilidade da sua história num único campeonato. E com um futebol que dá gosto de ver, como não se tinha há um bom tempo.

A satisfação do povo com Tite na seleção pode ser medida em números. Numa recente pesquisa online do Instituto Paraná, 15% declararam que votariam em Tite para a Presidência caso ele se candidatasse; 5% não souberam opinar. Tite ficou à frente de Aécio e Marina Silva.

HOMOFOBIA

Grupo denuncia campo de concentração gay na Chechênia

Ramzan Kadyrov, presidente da Chechênia e aliado de Putin

Segundo informações do jornal inglês Metro, cerca de 100 pessoas estão detidas numa espécie de campo de concentração para LGBTs na Chechênia. De maioria muçulmana, o país faz parte da Federação da Rússia. Seu presidente, Ramzan Kadyrov, é aliado do presidente russo Vladmir Putin.

Kadyrov é conhecido por suas declarações polêmicas e seu gosto por armas de fogo. Em 2015, a Chechênia foi palco de uma controvésia envolvendo o casameto poligâmico de uma adolescente. Na época, Kadyrov chegou a declarar que os homens deveriam deixar suas mulheres trancadas em casa e longe do WhatsApp.

A denúncia dos campos de concentração foi feita pelo grupo ativista LGBT Network. Essa é a primeira vez, depois do nazismo alemão, que se tem notícia sobre algo do tipo. Questionado sobre o fato, Kadyrov afirmou que a acusão é um absurdo, pois *"não há homossexuais na Chechênia"*.

COMITÊS POPULARES

OPERÁRIOS E O POVO NO PODER!

Com o objetivo de preparar a greve geral, começa a se proliferar no país os comitês de luta contra a reforma da Previdência. A organização pela base dos trabalhadores e da juventude, através do seu local de trabalho, bairro ou escola e universidade é a única forma de derrotar a reforma da Previdência de Temer e do Congresso de corruptos.

Além de servirem pra organizar a greve geral, os comitês de luta também podem garantir os próximos passos do movimento contra a reforma depois do dia 28 de abril. Por isso, converse com seus colegas de trabalho, vizinhos, lideranças sindicais, comunitárias e religiosas, e faça uma reunião para discutir a reforma da Previdência e a greve geral.

Mas da organização dos comitês também poderá surgir uma alternativa dos trabalhadores frente a crise. Os trabalhadores poderão perceber que o poder não está só naqueles que sentam nas cadeiras confortáveis das Assembleias e Câmaras. De que a participação política não se resume a votar a cada dois anos para escolher um outro político ladrão, que vai governar para os ricos e poderosos.

Durante sua luta os trabalhadores podem construir um tipo embrionários de poder operário e popular totalmente diferente do que está aí. E isso não é nenhum fato inédito. Na América Latina tivemos alguns exemplos que merecem ser lembrados.

CHILE: Fábrica sob o controle operário

No Chile, nos anos 1970, surgiram organismos embrionários deste tipo no Chile chamados Cordões Industriais. Formados por operários, eles chegaram a controlar a produção nas fábricas do país. Também combateram a sabotagem realizada pelos patrões que tentavam impor o desabastecimento de mercadoria para derrubar o governo de Salvador Allende.

Nos Cordões, os operários discutiam tudo: de política até como impedir o fechamento das fábricas. Muitas das que estavam fechadas foram retomadas por operários demitidos que organizaram os Cordões e botaram a empresa pra funcionar, mas agora sob gestão operária.

ARGENTINAÇO e o poder popular

Também há outro exemplo, como na Argentina. Nos dias 19 e 20 de dezembro de 2001, estourou o "Argentinaço", uma revolta que explodiu depois do roubo das poupanças a partir do "corralito" – um confisco na poupança feito pelo governo. A população foi pra rua e derrubou o presidente De la Rúa. Mas a luta não parou por aí, junto às mobilizações surgiam organismo de luta. Os desempregados já haviam antes organizado os movimentos de piqueteiros, que bloqueavam ruas e estradas.

Barricadas nas ruas de Buenos Aires em 2001.

Muitas das fábricas do país que estavam fechadas em função da crise, foram ocupadas por operários que as colocam para produzir novamente. Assim nasceu o movimento das fábricas recuperadas. Surgem depois as Assembleias Populares, organizadas principalmente em Buenos Aires, que aglutinam vizinhos em todos os bairros. Nas assembleias, que cada vez adquirem um caráter mais popular, se discute sobre tudo. Algumas tomam tarefas que têm a ver com a luta contra a impunidade, outras instalam restaurantes populares e instrumentam medidas de economia solidária, articulando com organizações piqueteiras. Também se assumem tarefas em defesa dos hospitais e se organizam mobilizações contra os aumentos das tarifas, contra os cortes de luz, pela recuperação das empresas privatizadas.

BOLÍVIA: A guerra da água teve povo organizado

Entre janeiro abril de 2000, na cidade boliviana de Cochabamba, explode a chamada guerra da água. Naquela época a cidade estava privatizando o serviço de abastecimento de água para uma empresa estadunidense Aguas Tunari. Pelas novas regras, até a agua de dos quintais das casas seriam propriedades dessa empresa e, portanto, havia que pagar por ela. A privatização causou desabastecimento generalizado e moradores dos bairros mais pobres se organizaram para religar a água cortada pela empresa. A empresa chamava a polícia para reprimir os moradores e os confrontos se tornaram cada vez mais violentos.

Assim, foi criada uma Coordenadora de Água de Cochabamba, um comitê de luta contra a privatização que coordenou as ações de resistência. Na prática, a Coordenadora assumiu o controle de bairros inteiros da cidade, impedindo o corte da água em muitos bairros pobres. Em 8 de abril, o presidente Hugo Banzer declarou estado de sítio e em resposta a Coordenadora decreta greve geral. Uma guerra foi travada nas ruas até que a privatização da água foi suspensa.

Todos esses exemplos históricos mostram que é possível dar um passo a mais: a luta dos trabalhadores pode assumir suas próprias formas de organização independentes da burguesia. Por outro, mostra que é possível construir outro tipo de poder, da classe operária e do povo pobre.

Protesto em Cochabamba, em 2000.